

ENTRE FESTAS E DESASTRES AMBIENTAIS: MEMÓRIA E IMAGINÁRIO COMO ELOS COMUNICACIONAIS

BETWEEN FESTIVALS ENVIRONMENTAL DISASTERS: MEMORY AND IMAGINATION AS COMMUNICATIONAL LINKS

Gabriela Gelain¹
Matheus Lima Schwab e Silva²

RESUMO

O artigo investiga a relação entre as festas e os desastres ambientais, tendo como elo a memória e o imaginário. Serão apresentadas cinco festividades em que estes elementos se relacionam, sendo quatro delas no Brasil e uma nos EUA. A metodologia empregada articula a pesquisa documental com a de inspiração etnográfica para analisar os casos propostos. Os autores indicam que ao aproximar teoricamente os estudos em festa aos campos do imaginário, da memória e dos desastres ambientais, revela-se um campo profícuo para pesquisas no campo da Comunicação e das Humanidades.

PALAVRAS-CHAVE: festa; festa popular; memória; imaginário; desastres ambientais;

ABSTRACT

The article investigates the relationship between parties and environmental disasters, using Memory and the Imaginary as a “connection”. Five festivities are presented in which these elements are related, four of them in Brazil and one in the USA. The methodology combines documentary research with ethnographically-inspired research to analyze the cases. The authors indicate that by theoretically approaching studies on Imaginary Festival, Memory and Environmental Disasters, it reveals a fruitful field for research in Communication.

KEYWORDS: party; popular festival; memory; imaginary; environmental disasters.

¹ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP. Email: gabrielagelain@gmail.com.

² Doutorando na UERJ. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM em Comunicação e Cultura (UNISO-SP), graduado em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Cásper Líbero (FCL-SP). Email: schwab3p@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Enxergamos as festas como um *locus* privilegiado (Da Matta, 1990) para compreender a sociedade, compreendendo-as como uma espécie de “chave” para o entendimento de aspectos relevantes das culturas às quais pertencem. Desvendar as camadas de produção de sentido, conflitos, disputas, práticas, estruturas, permanências e impermanências submersas nas festas é também um dos faróis das pesquisas que realizamos. Estudamos não apenas as mensagens que circulam nas práticas festivas, mas buscamos, também, entender a própria festa enquanto meio e mensagem. Vivências, práticas, encontros e leituras fizeram-nos perceber que esse mesmo caráter de potencial revelador intrínseco, a ideia de *locus* privilegiado e a compreensão do “fenômeno como chave” também podem ser estendidos ao universo dos desastres ambientais. Foi então que nos deparamos com a seguinte passagem escrita por Carlos Rodrigues Brandão:

É através de festa que a sociedade homenageia, honra ou rememora: personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos de rotina. As festas de Santos Padroeiros, geralmente as mais importantes do calendário ritual, são um bom exemplo Brandão (Brandão, 1974, p. 22).

Assim, percebemos que da mesma forma que as festas de santos rememoram suas hagiografias, também o fazem as festas cívicas, ao rememorar, por exemplo, a data de uma batalha ou da emancipação de uma região. Diversas festividades são realizadas em torno de um “rito-fundador”, rememorado de forma semelhante e distinta a cada edição da festa. Afinal, a festa é a mesma de cada ano, mas é diferente daquela anterior (Ferreira, 2013). O contínuo processo de rememoração nas festas populares cíclicas, ou seja, aquelas que ocorrem de forma fixa ao final ou início de um determinado período de tempo, acarreta na produção de novos sentidos em torno de seu “rito-fundador”. É nesse contexto em que se compreende festa e memória como elementos tanto do passado quanto do futuro. Portanto, também é válida a ideia de que a memória também possui aquele caráter de potencial revelador intrínseco, a ideia de *locus* privilegiado e a compreensão do “fenômeno como chave”.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

Outro elemento que acabou mostrando-se essencial como parte deste elo teórico-metodológico embasado até então pelos estudos da memória é o conceito de imaginário. Compreende-se as relações sociais e culturais como sendo causa e efeito de dimensões imaginárias que “sedimentam” identidades, laços de pertencimento e sociabilidade. Acreditamos que em comunidades e territórios atingidos por desastres ambientais esta dimensão atenua-se, principalmente, pela íntima relação entre as cosmogonias, desde as locais às mais abrangentes, e as forças da natureza, comumente associadas às deusas e deuses.

A asserção, ainda em momento de hipótese para nós, autores, é a de que nas festas mais significativas para a comunidade de atingidos por desastres emergem sentidos vinculados ao imaginário (e à memória) nas performances e práxis destas festividades. Por exemplo, em uma festa católica realizada em um território atingido por enchentes, crê-se que aos pesquisadores mais atentos lhes possa ser possível presenciar um pouco do imaginário do dilúvio e da arca de Noé nos ritos festivos contemporâneos. Em outras palavras, foi a partir da incidência (cada vez mais comum) de desastres ambientais ao redor do mundo que começamos a nos questionar como as experiências festivas poderiam ser influenciadas pela memória coletiva e pelo imaginário contemporâneo após esses eventos.

A metodologia deste trabalho é de perspectiva multimetodológica, resultado de diferentes movimentos da pesquisa de inspiração etnográfica (Pereira *et al.*, 2021) de Schwab (2023), na qual o autor, folião e frequentador de festas populares, realizou uma investigação nas festas de São Luiz do Paraitinga entre 2020 e 2023 acerca da relação entre a cultura caipira e a comunicação digital. Além disso, para o artigo, os autores realizaram uma pesquisa documental em acervos públicos e hemerotecas on-line, além de pesquisa em sites e blogs locais que, por meio de entrevistas em vídeo e texto, publicizam o relato de vítimas destes desastres. Por fim, a participação no GT “Antropologia, memória e eventos críticos” da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) também foi um marco importante no desabrochar do pensamento desenvolvido neste texto, devido à profícua troca entre os pares pesquisadores desta temática.

Sendo assim, a nossa amostra é composta por 5 festividades e 5 desastres que foram também observados midiaticamente: 1) o *Mardi Gras* e o Furacão Katrina (EUA)

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

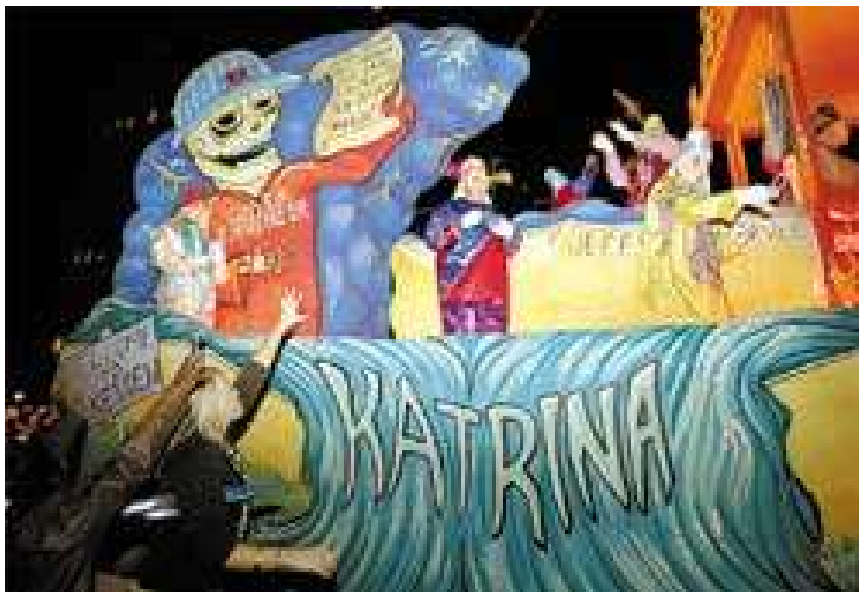
em 2005; o Carnaval de São Luiz do Paraitinga (SP) e a enchente em 2010; a Oktoberfest e as enchente de Blumenau (SC) no início da década de 80; 4) a Festa das Nossas Senhoras das Mercês em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), local fortemente atingido pelo rompimento da barragem do Fundão em 2015; e 5) a festa do Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju (SE), onde o desenvolvimento urbano aterrou praias e lagunas, limitando a navegação na costa da cidade a partir dos anos 70.

Desta forma, o presente artigo alia de forma complementar a perspectiva de dois pesquisadores que se propuseram a unir forças nesta escrita coletiva: Schwab (2023) com as suas empirias sobre festas e desastres ambientais, e Gelain (2023) com a perspectiva das culturas urbanas e teorias sobre memória e imaginário. Ao longo do texto apresentaremos movimentos de rememoração e subjetivação festiva em territórios atingidos por desastres e que evidenciam esta relação entre festas, desastres ambientais, memória e imaginário.

A MEMÓRIA E O IMAGINÁRIO DE DESASTRES AMBIENTAIS NAS FESTAS

Frequentemente associado como uma festa correlata ao carnaval brasileiro, o Mardi Gras de Nova Orleans tem duração média de 12 dias. A celebração é marcada por paradas e desfiles de carros alegóricos, fantasias e pelas festas de rua. Há relatos que apontam que o primeiro Mardi Gras da cidade foi celebrado em 1699. Esta tradição secular também sofreu os impactos do furacão Katrina, que atingiu os Estados Unidos em agosto de 2005, causou mais de 1.800 mortes e aproximadamente US\$ 125 bilhões em danos, tornando-se um dos desastres ambientais mais devastadores da história do país. A cidade de Nova Orleans foi severamente impactada, com 80% da área inundada (Knabb; Rhome; Brown, 2005). Menos de seis meses depois do furacão, os carros alegóricos do Mardi Gras de 2006 rememoram o Katrina (ver Figura 1).

Figura 1 – Carro alegórico no Mardi Gras de 2006 em Nova Orleans (EUA)



Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/images/e2502200601.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Optamos por iniciar a esta investigação apresentando este exemplo por ser, do nosso ponto de vista, o que apresenta de forma mais evidente a relação entre Festa, Memória, Imaginário e Desastres Ambientais. Segundo reportagem da Reuters, reproduzida pela Folha de São Paulo, ainda sobre este Mardi Gras:

[...] um dos maiores desfiles, o do bloco feminino Krewe of Muses, culminou com um carro alegórico vazio simbolizando as vítimas do furacão na região - mais de mil mortos e cerca de 2.000 ainda desaparecidos. O carro alegórico, chamado de Mnemosine - a deusa grega da memória e mãe das musas, trazia a inscrição "Nós celebramos a vida, fazemos luto pelo passado e nunca esqueceremos (Celano, 2006).

Neste caso, a performance da festa referenciou o desastre e assim compreende-se a influência que o Katrina teve no primeiro Mardi Gras celebrado após seu impacto na região. A memória do furacão fixou-se de forma material durante a festa de 2006 e existem poucas dúvidas de que ele também segue vivo no Imaginário dos atores envolvidos na festa. Afinal, o Mardi Gras é feito por e para pessoas, e muitas delas foram

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

atingidas pelo Katrina. Entretanto, os exemplos a seguir não apresentam esta relação de forma tão evidente, mas, acredite, ela existe. Coube a nós buscar desvelar as camadas menos superficiais que imbricam festa-memória-imaginário e desastres ambientais.

Na virada do ano de 2009 para 2010, uma grande enchente assolou a cidade de São Luiz do Paraitinga. Em consequência das fortes chuvas, o rio Paraitinga transbordou e fez a água subir aproximadamente 15 metros acima do nível normal (ver Figura 2). Apesar de algumas áreas da zona rural terem sofrido com a enchente, foi no centro histórico que as águas do Paraitinga causaram maiores destruições materiais. A força e o volume das águas fizeram ruir casas, igrejas, sobrados e prédios públicos, danificando também grande quantidade de construções em geral (Silva; Vieira, 2012, p. 26). A cena mais chocante se deu quando uma das torres da Igreja Matriz despencou, simbolizando uma perda inestimável para o patrimônio histórico e cultural local. Neste cenário, ficou registrada a providencial participação dos “anjos aquáticos”: remadores locais das equipes de rafting, devido à incessante atuação na tarefa voluntária e corajosa que possibilitou o salvamento de centenas de pessoas na ocasião (Silva; Vieira, 2012, p. 26).

Atualmente, todas as edificações já foram reconstruídas, mas a “enchente de 2010” segue viva na memória do luizense, que, de certa forma, orgulha-se de ter contornado a situação e ter “saído” da enchente mais forte, afinal, parece-nos que com a queda de boa parte da cultura material da sociedade, a cultura imaterial fortaleceu-se ainda mais (Schwab, 2023). Afinal, não só a alcunha de “Cidade das Mil Festas”, como o próprio calendário festivo da cidade evidencia isto, pois no calendário oficial de eventos turísticos, disponibilizado no site da prefeitura, somente para o ano de 2022 encontravam-se 31 eventos previstos. Destes, destacam-se (por atrair um número maior de participantes) a Festa do Divino, a festa do Saci, as festas de reis, as festas juninas, a festa de São Benedito, as festas do ciclo natalino, Corpus Christi, a festa do aniversário da cidade, a festa do padroeiro, a Semana Elpídio dos Santos, a festa da cozinha caipira, o festival de inverno e o Festival de Música na Semana da Canção Brasileira.

Figura 2 – Vista aérea da enchente em São Luiz do Paraitinga, em janeiro de 2010



Fonte: São Luiz do Paraitinga. Disponível em: <https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/wp-content/uploads>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Talvez a mais significativa destas festividades seja o Carnaval de Marchinhas de São Luiz do Paraitinga. Ele acontece desde 1982 e nos últimos 15 anos levou, em média, entre 60 e 150 mil foliões, por edição, à cidade (Mendes, 2008; G1, 2023; Soares, 2020). As marchinhas são a trilha sonora oficial de São Luiz do Paraitinga e a razão de outra de suas alcunhas: a terra das marchinhas. Segundo matéria do The New York Times, em 2008 já existiam mais de 1.500 marchinhas compostas única e exclusivamente pelos moradores de São Luiz do Paraitinga (Kugel, 2008). Segundo estimativa de Paulo Baroni, músico, compositor e um dos maiores ícones do carnaval luizense, em 2020 esse número era de aproximadamente 3 mil marchinhas (Schwab, 2023).

Após a enchente de 2010, não é raro deparar-se com a lembrança da enchente de alguma maneira viva pelas ruas, nos foliões e nas marchinhas³. Dentre elas, destaca-se a marchinha “Chó Chov”, de Galvão Frade, presente no álbum “Volta e meia”, lançado quatro anos após a enchente:

³ Entre 2010 e 2024 o autor (Matheus) esteve presente em 11 carnavais na cidade.

Mas, dessa vez eu juro pra você
Não quero nem saber
Nosso bloco vai pra rua! (2x)
Há quanto tempo que eu não vejo o sol nascer
É chuva todo dia, temporal a toda hora.

E o nosso rio que não para de encher,
Já levou na correnteza
A minha viola (2x)

Não vou mais sofrer
Nem vou mais chorar
Eu já tô pronto
Vou cair na folia
Vou de fantasia
De alma lavada!

(Galvão Frade, 2014).

Esta marchinha é reproduzida durante o carnaval nas ruas, praças, na porta e nos fundos das casas dos foliões (moradores e turistas) que ocupam a cidade. Ao ser performada com entusiasmo e cantada a plenos pulmões inevitavelmente ela conduz um processo corpóreo e simbólico de reavivamento e ressignificação da memória da “enchente de 2010” causada pelas fortes chuvas que assolaram a cidade.

Já na dimensão do imaginário, a relação entre a chuva e o carnaval luizense já se apresentava em diversas marchinhas anos antes, como observa-se nesta composição de Galvão Frade de 2007, “Até Debaixo D’Água”:

Deixa o sol levantar
Deixa a chuva cair
Até debaixo d’água o nosso bloco sair
[...]
Eu quero ver você cair
Se mergulhar nos braços dela
Mas, essa noite eu vou sair
Só pra te ver na passarela

(Galvão Frade, 2007).

São muitas as referências musicais entre a chuva e sua relação com a folia. Nas marchinhas luizenses, muitas vezes o sentido empregado à chuva vincula-se ao amor, à

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

dimensão do encantamento (“do mundo mágico”) e à capacidade de renovação da água que cai dos céus. Em comparação às marchinhas compostas pós-enchentes, elas também ganharam sentido de resistência, superação e de reafirmação do vínculo identitário a partir do desejo da permanência longa da festa.

Não é só pelos ouvidos que a memória e o imaginário da enchente se materializam durante o carnaval luizense. Ela também se apresenta diante dos olhos dos foliões em diversos pontos da cidade, como por exemplo, em monumentos públicos e no museu local (que é bastante visitado principalmente pelos turistas durante o carnaval). Nas duas fotografias abaixo observam-se dois monumentos públicos que referenciam a atividade dos “anjos do rafting”, localizadas em pontos de intenso fluxo de pessoas durante o carnaval. O primeiro trata-se de uma estátua (ver Figura 3) e encontra-se numa das pontes que dá acesso à Praça de Eventos da cidade em que os shows são realizados e, o segundo, de uma obra feita com azulejos (ver Figura 4) localizada na Praça do Calçadão, em que também há a realização de shows e a presença de bares participantes da folia. Dificilmente o olhar dos brincantes passa imune à materialização destas memórias do desastre.

Figura 3 – Estátua em homenagem aos “anjos do rafting” em São Luiz do Paraitinga



Fonte: Itinerário de Viagem. Disponível em: <https://www.itinerariodeviagem.com/destinos/sao-luiz-do-paraitinga/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

Figura 4 – Azulejos em homenagem aos “anjos do rafting” em São Luiz do Paraitinga



Fonte: Itinerário de Viagem. Disponível em: <https://www.itinerariodeviagem.com/destinos/sao-luiz-do-paraitinga/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

Canclini (2019, p. 169-170) chama atenção para o fato de o Museu Nacional de Antropologia do México funcionar como um dos pilares para a fabricação do nacionalismo mexicano, uma espécie de “mexicanidade”:

Se o patrimônio é interpretado como repertório fixo de tradições, condensadas em objeto, ele precisa de um palco-depósito que o contenha e o proteja, um palco-vitrine para exibi-lo. O museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram. Entrar em um museu não é simplesmente adentrar um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social. [...] Muitos museus retomam o papel que lhes foi atribuído desde o século XIX, quando foram abertos ao público, complementando a escola, para definir, classificar e conservar o patrimônio histórico, vincular as expressões simbólicas capazes de unificar as regiões e as classes de uma nação, organizar a continuidade entre o passado e o presente, entre o típico e o estrangeiro.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

Posteriormente, o autor defende que este mesmo fenômeno ocorre em diversos museus do mundo. Acreditamos que este também seja o caso do Museu São Luiz do Paraitinga (Schwab, 2023). Pois, a partir da visita-pesquisa deste autor evidenciou-se que tanto o Carnaval de Marchinhas quanto a enchente de 2010 se constituem como fortes elementos identitários para o luizense. Ambos possuem papel de destaque no museu local que, em consonância com o pensamento de Canclini, contribuem para a formação de uma “luizensidade”. Agregadora e unificadora por um lado e, por outro lado, cheia de conflitos, contradições e em constante disputa entre as esferas públicas, civis e institucionais, tal qual ocorre em diversos processos de formação identitária, mas que, para fins desta pesquisa em específico, nos basta para evidenciar mais uma vez a aproximação entre as festas e os desastres ambientais, dessa vez também no lugar e sentido de “repertório fixo de tradições” (Canclini, 2019).

O museu luizense funciona na Casa Oswaldo Cruz (ver Figura 5), casarão antigo de origem colonial em que nasceu o médico cientista sanitaria Oswaldo Cruz. O casarão data de 1834 e possui 6 salas abertas aos visitantes, além de contar com um pátio e um enorme quintal. No pátio, acontecem mensalmente oficinas de danças brasileiras e de pífanos. O quintal possui uma pequena trilha, na qual os visitantes podem caminhar pela mata nativa; ressalta-se que boa parte dos espécimes da flora são identificados com placas correspondentes ao nome popular e científico das plantas, dentre elas, destaca-se uma enorme paineira de mais de 200 anos.

Logo na entrada do museu encontra-se um texto de apresentação denominado “Resiliência Cultural”, em que a enchente é citada como um dos pontos que justificam a forte presença das manifestações culturais no dia a dia da cidade. Na maior sala do museu, o visitante depara-se com cenas contemporâneas, nas quais são retratadas as principais manifestações populares que ocorrem na cidade. Textos, fotos e vídeos com depoimentos e imagens da Festa do Divino, do Carnaval, do festival de marchinhas, da congada, do moçambique, do jongo, do batuque, do samba, do samba de bumbo, do samba-lenço, do samba caipira, do brão, do calango, da música caipira, da dança de fitas, da catira, dos bonecos e do afogado.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

Figura 5 – Fachada da Casa Oswaldo Cruz, Museu São Luiz do Paraitinga



Fonte: eCrie. Disponível em: <https://ecrie.com.br/sistema/conteudos/imagem/20194171514531411.jpg>. Acesso em: 20 fev. 2023

Em outra sala do museu o visitante entra em contato com o acontecimento da enchente de 2010. A chuva é simbolizada por fitas de papel machê que descem do teto e das caixas de som ouve-se o cordel “Poema da enchente” interpretado pelo autor e cordelista caipira Ditão Virgílio. Abaixo, alguns trechos da obra:

Ano dois mil e dez
Bem na hora da virada
São Luiz do Paraitinga
Desceu uma chuvarada
Que pro resto da vida
Pra sempre será lembrada
[...]
O rio subia tanto
O povo ficou assustado
Chegou na escada da igreja
O coreto ficou inundado
Pensando que ia parar
Tinha gente no sobrado
[...]
A companhia de rafting
Pelas mãos de Deus guiadas
Salvaram muitas vidas
Que iam morrer afogadas
Mesmo com a enchente

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

A cidade é abençoada

O sorriso esconde a lágrima
E o coração apertado
Mas o luizense tem força
Traz a raça do passado
Acompanhando o tempo
Devagar, mas não parado

Queremos agradecer
Um a um que ajudou
Venha nos dar as mãos
Que muita coisa sobrou
Nossa cultura está viva
Essa a água não levou

Trocar um dedinho de prosa
O jeito de ser caipira
Saborear comida caseira
Um feijão com cambuquira
A simpatia de um povo
Isso a enchente não tira

Isto que aconteceu
É a força da Natureza
Tudo vai pegar seu rumo
Disto pode ter certeza
Nossa cidade encantada
Ainda tem muita beleza⁴

Nestes trechos pode-se perceber que o cordelista aproxima a enchente de elementos que também são comuns à ambiência das festas, tais como: a rememoração de fatos e do “rito-fundador”; o território, ora cotidiano, descrito por igrejas, ruas e coretos luizenses, palco duplo tanto para o carnaval quanto para a enchente, ora encantado, “nossa cidade abençoada” / “nossa cidade encantada”; a sacralização e/ou a profanação de personagens, exemplificados neste caso pela companhia de rafting tocada pelas “mãos de Deus guiadas”; a identidade, “o jeito caipira”, expressa pela comensalidade em torno da “comida caseira” e a resiliência no sorriso que sobrepõe e esconde a lágrima.

Vale dizer que esta não foi a única vez que inundações afetaram o Carnaval de Marchinhas: em 2023 a festa foi adiada devido a enchentes que desabrigaram 700 luizenses (G1, 2023). Constantemente a cidade encontra-se em estado de alerta e a

⁴ Não foram encontrados registros do ano de produção deste cordel caipira.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

possibilidade de transbordamento do Rio Paraitinga é parte do cotidiano dos moradores. De certa forma, se pode afirmar que o desastre ambiental é um componente sempre presente no Carnaval luizense que, assim como muitas festas populares, apropria-se das cotidianidades durante as festividades.

A mesma afirmação pode ser feita à Oktoberfest de Blumenau, em Santa Catarina. A festa acontece em um pavilhão às margens do rio Itajaí-Açú desde 1984. Mas, a primeira edição da festa seria realizada um ano antes, porém foi adiada devido à ocorrência de uma grande enchente na cidade (ver Figura 6), que destruiu aproximadamente 1.300 casas, 52 praças, 14 pontes, 15 escolas, ao menos um hospital, estradas, ruas e uma série de outros estabelecimentos (Reis, 2016). Exatos 362 dias depois, Blumenau é atingida por uma nova enchente de proporção muito similar, a volumetria foi 10 cm maior que no ano anterior, e faltando 40 dias a realização da 1ª Oktoberfest. Em ambas as enchentes, o nível das águas no centro da cidade superou os 15 metros de altura.

Figura 6 – “A grande enchente de Blumenau” de 1983



Fonte: Acervo Edson Wruck. Disponível em: <https://omunicipioblumenau.com.br/wp-content/uploads/2023/07/40-anos-da-enchente-de-1983-blumenau-34.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Segundo apurado, a Oktoberfest de 1984 ocorreu por insistência do prefeito à época, Dalto do Reis, e de seu Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes. Ambos foram acusados de “transformarem o velório num bailão” e cobrados para “rezarem missa para

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

quem morreu ao invés de anunciar festa” (Reis, 2016). Tal insistência em garantir a realização da festa se deu por conta de inspirações vindas da Europa. Para o secretário, a inspiração veio de uma citação que seria de um marechal de Napoleão Bonaparte, a de que “depois das grandes batalhas, o povo quer festa” (Nunes, 2019). Já o prefeito conta:

Eu me apeguei na filosofia dos camponeses dos montes ucranianos que dizia o seguinte: quando eles faziam uma plantação e ficavam ali trabalhando durante quase todo o ano e vinha uma nevasca e levava toda a produção deles, eles perdiam todo o trabalho do ano [...] e ao invés deles se reunirem para lamentarem o acontecido eles se reuniam numa grande festa de 20 dias. Essa filosofia é a de que depois de grandes dificuldades (realiza-se) uma grande festa que é a certeza de se ter vencido a dificuldade (Reis, 2016, 1 min.).

Em entrevista (Nunes, 2019), Marga Holzmann Nunes, viúva deste antigo secretário de Turismo de Blumenau, relata que também trabalhava como produtora da festa e que em 1985 recebeu artistas da TV Globo, como Tony Ramos e Beatriz Segall em sua casa, ainda em reconstrução após as águas da enchente terem ocupado dois metros de altura da casa um ano antes. Na ocasião, esta atriz a aconselhou a não pintar uma parede da casa que evidenciava a altura da marca da água que invadiu a casa, pois, segundo esta artista, “história não se apaga”. E assim, Marga o fez. Portanto, na casa de um dos principais organizadores da Oktoberfest, a memória das grandes enchentes de 1983 e 1984 de Blumenau permanecem ainda hoje vivas. Mais que uma curiosidade, entende-se este exemplo e a relevância deste contexto para compreender que há uma relação de proximidade entre o blumenauense, as enchentes de 1983 e 1984 e uma das festas mais significativas da cidade. Afinal, a Oktoberfest de Blumenau é a mais popular do Brasil. Só em 2023 ela atraiu 454.285 visitantes e consagrou-se como a segunda maior Oktoberfest do mundo, atrás apenas da realizada em Munique, na Alemanha (Caldas; Machado, 2023). Destaca-se o fato de que neste ano em questão, estas quase meio milhão de pessoas festejaram em meio a maior enchente da cidade em 12 anos. Em dois dos dez dias de festa a Oktoberfest de Blumenau foi impedida de ser realizada pela Defesa Civil por conta de riscos de enchentes. Na época, as águas do rio Itajaí-Açú já marcavam 10 metros de altura além de seu nível normal (Batistela, 2023).

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

Os motivos que fizeram a festa expandir-se tanto em termos econômicos, turísticos e simbólicos são muitos e contemplam, por exemplo, a inclusão na agenda midiática de grupos de telecomunicação de grande audiência e o investimento de empresas da indústria de bebidas alcoólicas que patrocinam a festa como parte de suas estratégias publicitárias e que, não raro, apropriam-se de forma, no mínimo, questionável das tradições e da cultura teuto-brasileira catarinense. Não cabe a estes autores juízo de valor, pois sabemos que a única coisa de fixo na tradição é que ela está sempre mudando e falta-nos espaço aqui para realizar uma crítica mais contundente às relações entre festas e indústrias, inclusive a cultural. Aqui, queremos lançar luz sobre a relação entre a memória desta primeira edição da festa e a hipótese de que o fato de sua realização ter ocorrido após duas grandes enchentes seria um dos fatores a que se deve creditar a longevidade e o “sucesso” da Oktoberfest. Abaixo, destacam-se dois relatos de pessoas que participaram desta festa. Sendo o primeiro deles de Maria, nascida em 1953, ela concedeu em 2013 uma entrevista em profundidade à Patricia Bieging, que realizou uma pesquisa sobre as memórias das enchentes da década de 1980 a partir de experiências de vida (Bieging, 2017). Sua relação com a Oktoberfest é a de frequentadora. Posição diferente do segundo relato, que é o de Marga que, como já vimos, trabalhou na realização da festa.

Eles fizeram a Oktoberfest [em 1984] para dar mais alegria para o povo, pois tinham sofrido, sofrido, sofrido. Já se tinha pensado em fazer uma festa para o povo, pois em Blumenau não tinha nada. Era para trazer mais alegria mesmo (Bieging, 2017, p. 233).

Esta Oktoberfest (a primeira) eu tenho na memória como uma das festas mais lindas que se pode imaginar. Gente chorando porque perdeu tudo. A mulher do Wayker, a Edith, já falecida, tava na festa e disse assim pra mim “Marga, eu perdi toda a minha vida, não tenho uma foto, nem minha, nem foto de criança, nada, nada, nada. Mas, agora eu quero um novo ânimo”, aí nos abraçamos. E tinha o seguinte, eram diretores de indústria, operários, eram todas as classes sociais confraternizando. Nada de camarote, era ali embaixo, dentro do pavilhão A (Nunes, 2019, 43min01s).

A partir desta exposição buscamos evidenciar, dentre outras coisas, a dinâmica lembrar-esquecer-criar e a ação da memória como uma construção social coletiva (Halbwachs, 2006). Em termos similares, isso pode ser dito das festas e dos desastres

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

ambientais, ambos se estruturam na/pela coletividade de/dos sujeitos. Neste caso, as construções de sentidos tendem a diferenciar-se de acordo com a posição do ator social em relação ao fenômeno. O brincante constrói memórias e sentidos de uma festa de forma distinta do turista. Assim como o produtor do visitante, o morador do bairro severamente atingido pela enchente do morador do bairro não atingido e assim por diante. Mas, todos são vetores construtores de acontecimentos, seja uma festa ou uma enchente. Já sobre a dinâmica lembrar-esquecer-criar, entende-se que:

As sensações, as emoções e as interpretações de experiências passadas ganham novos significados conforme nossa memória reinterpreta os fatos. A lembrança é uma combinação complexa que integra fragmentos registrados do acontecimento, conhecimentos preexistentes, crenças e expectativas que o sujeito traz em relação ao acontecimento (Bieging, 2017, p. 224).

Assim, o lembrar e o esquecer fazem parte da nossa memória e, a cada vez que ativamos os acontecimentos, eles se mostram diferentes e ressignificados, reconfigurando os discursos e as lembranças. Como nos diz Bosi (2003, p. 62), "recordar é sempre um ato de criação". Esta dinâmica apresenta-se nos relatos das duas participantes da primeira Oktoberfest, que expusemos anteriormente. A ação da memória como construção social coletiva e a dinâmica lembrar-esquecer-criar pode criar sentidos como este, o de que a longevidade da Oktoberfest de Blumenau deve-se ao fato de ela ter sido realizada após duas grandes enchentes. Cremos que em muitas das festas realizadas pouco tempo depois de desastres ambientais esta mesma dinâmica acontece. Por isso, acreditamos tratar-se de uma problemática profícua para realização de novas investigações transdisciplinares em todo o mundo.

Obviamente, a ação da memória não pode atuar em acontecimentos que são desconhecidos. A partir de agora, começaremos a vincular nossos exemplos com dimensões mais políticas e, em alguns casos, de saúde pública. Em outra entrevista, concedida a um jornal local de Blumenau, o então prefeito Dalto dos Reis “relembrou a gravidade das tragédias provocadas pelas enchentes” (assim anunciou o jornal antes da reprodução das aspas):

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

Realizamos uma bem-sucedida operação para esconder a real dimensão do número de vítimas. Até hoje sou capaz de lembrar de locais onde exumamos 15 ou 20 pessoas, no bairro Fortaleza. Tivemos que esconder para evitar maiores traumas. Ninguém da imprensa conseguiu essas informações (Noticenter, 2010 *apud* Wittmann, 2015, n.p.).

Trata-se de uma citação forte, podendo ser configurada como imoral, antiética ou até crime. Mas, por falta de conhecimento sobre o real acontecido, não podemos asserir sobre este acontecimento específico. Nossa intenção é evidenciar que, muitas vezes, as disputas políticas e as relações sociais assimétricas presentes na sociedade se atenuam nas festas e nos desastres ambientais. Esta é uma das principais marcas do nosso próximo exemplo, em que há uma disputa clara entre uma comunidade de vítimas atingidas e uma empresa que provocou um desastre.

Trata-se da festa de Nossa Senhora das Mercês, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), local mais devastado pelo desastre-crime (Passos, 2019) do rompimento da barragem do Fundão. Gerida pela Samarco Mineração, controlada desde 2001 através de uma *joint-venture* entre a Vale S.A e a empresa anglo-australiana BHP Billiton, a barragem se rompeu e despejou cerca de 39 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração e afetou diretamente 39 municípios em 5 de novembro de 2015. Das 600 casas que existiam no distrito apenas 120 ficaram em pé, a lama e os rejeitos chegaram a atingir os 15 metros de altura e da igreja de São Bento, construída no século XVII, restaram apenas os primeiros degraus da escada de madeira e da pia batismal. O distrito foi considerado inabitável e uma nova infraestrutura urbana, Novo Bento Rodrigues, está sendo construída a 11 km do original. Enquanto o novo é frequentado por milhares de pessoas todos os dias, sendo grande parte construtores civis, o antigo é chamado de “ruínas de Bento Rodrigues” e não é frequentado por ninguém na maior parte do ano. A exceção são os dias de festa. Como visto, por exemplo, na Festa de Nossa Senhora das Mercês (ver Figura 7). Nela, a população originária de Bento Rodrigues, alojada provisoriamente em Mariana, retorna ao distrito para realizar as procissões em meio às ruas abandonadas e missas são celebradas nas ruínas da igreja.

Figura 7 – Procissão da festa de Nossa Senhora das Mercês (22/09/2019)

Fonte: Passos (2019).

Pode-se compreender este fluxo como um ato de retomada do território pelos moradores (Passos, 2019). Um depoimento coletado durante a festa com uma moradora, que não quis se identificar, destaca a forte ligação da festa com o território e a memória do crime-desastre:

É uma forma de resgatar o passado, uma forma de resistência, uma forma de mostrar que ali é nosso e que a gente quer continuar tendo as nossas festas ali. [...] A princípio, a gente dormia na rua, nos carros, em barraca, casa dos outros aberta, dormimos na casa [...] sem janela por um bom tempo (Passos, 2019, p. 270-271).

O desastre-crime de Mariana (MG) também exemplifica a relação entre festa e memória mediada pelo corpo e pela performance e as consequências de assimetrias sociais e disputas políticas. Alguns anos após o rompimento da barragem, os atingidos começaram a apresentar uma série de doenças, principalmente na pele (ver Figura 8). A

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

lama da Samarco continha metais pesados, como níquel, arsênio, ferro, silício e alumínio. Os atingidos foram expostos continuamente à esta lama tóxica por via inalatória, digestiva e pelo contato com a pele (Dotta, 2018). Segundo a médica Aline Bentes, da Rede de Médicos e Médicas Populares,

O mais preocupante é a alta presença do arsênio, que em pequenas quantidades já pode causar insuficiência do rim, doenças no fígado, dermatológicas (anemia, plaquetopenia) e doenças neurológicas graves, como psicose, demência, delírio. A alta do níquel tem relação com doenças de pele e queda de cabelo, enquanto a baixa do zinco pode afetar o sistema imunológico. Uma vez intoxicadas, as pessoas devem ter acompanhamento médico por toda vida, pois não se sabe os resultados destas substâncias ao corpo (Dotta, 2018, n.p.).

Desde o incidente, a população atingida denuncia uma série de violências acometidas pela Samarco no processo de indenização e reparação. Dentre elas, a assistência médica deficiente aos atingidos. Segundo a comunidade, constantemente faltam médicos e subsídios financeiros para a compra de remédios e a realização de exames (BBC Brasil, 2017). Ou seja, estes corpos, agora visivelmente e invisivelmente marcados pelo desastre, são os mesmos corpos que se encontram performando e realizando as práticas festivas de seus territórios. No caso da Folia de Reis de Paracatu de Baixo (MG), distrito vizinho de Bento Rodrigues, as vestes de chita cobrem a pele ferida dos foliões e a máscara dos marungos esconde as falhas provocadas pelas quedas de cabelo. Em outras festividades da região, isto já não acontece, seja não só por vestimentas mais curtas, como também pela ausência de corpos outrora festivos, agora mortos sufocados pela lama ou vítimas de doenças adquiridas após terem contato com ela. Nos distritos de Mariana (MG) todos os atores festivos são testemunhas desta triste relação entre festa e desastre ambiental.

Figura 8 – Doenças de pele como consequência do desastre-crime em Mariana (MG)



Fonte: Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2018/03/29/atingidos-pela-barragem-da-samarco-querem-exame-em-100-da-populacao>. Acesso em: 18 set. 2025.

O quarto exemplo ocorre em Aracaju (SE), na Festa do Bom Jesus dos Navegantes. A festa iniciou-se na comunidade de pescadores do Bairro do Atalaia na última década do século XIX, como consequência do pagamento de uma promessa feita pelo pescador Antônio Alves (Corrêa; Vargas, 2011). Na época, por conta de um processo natural que envolveu mudanças no leito do rio Sergipe e na dinâmica de suas águas, provocada pela ação de sedimentos e areias transportados pelas correntes do rio, o acesso dos pescadores ao mar pelo rio foi bloqueado. A promessa de Antônio Alves pelo retorno do acesso do rio ao mar teria como pagamento a construção de uma igreja dedicada a Bom Jesus dos Navegantes. Tempos depois, por meio de um processo também natural, os sedimentos e areias transportados pelas correntes do rio formaram uma laguna, conhecida como Maré do Apicum.

A mudança foi significativa para a região, já que a Maré do Apicum se tornou uma importante área para a pesca e outras atividades dos moradores locais, como banho e lazer. O fechamento da barra alterou a dinâmica do rio, mas também criou novas condições para o ecossistema local, favorecendo o desenvolvimento de manguezais e outras formações naturais. Esse fechamento, portanto, marcou o início de uma nova fase na vida da comunidade de pescadores, no desenvolvimento do bairro Atalaia Velha e na vida religiosa de seus moradores. A igreja foi construída e a procissão em homenagem a

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

seu padroeiro tornou-se uma das mais significativas da cidade, passando por outros bairros e tornando-se uma grande manifestação de fé dos litorâneos aracajuanos.

Mas, a partir da década de 1970, o entorno da laguna Maré do Apicum, que havia transformado-se em um ecossistema natural com dunas, restingas e manguezais, foi modificado pelo processo de urbanização. Construíram-se rodovias, calçadões, edifícios, aterraram parte da laguna e despejou-se esgoto sem tratamento, ações que provocaram assoreamentos, a destruição da fauna e da flora nativa, a queda da profundidade da laguna, o que limitou a navegação de embarcações na região. Segundo relatos de moradores da região:

Tudo isso aí era areiado de fora a fora. Areia, mangue, dunas. Passava até navio nesse rio aí. A maré era grande e funda, não tinha mangue do lado de cá. Agora, lá pra coroa do meio quando a maré enchia tinha muita água, não era isso que tem hoje né, que foi aterrado (Corrêa; Vargas, 2011, p. 5).

Essa transformação afetou a Festa de Bom Jesus dos Navegantes (ver Figura 9), que antes incluía uma procissão fluvial pela Maré do Apicum e que hoje foi substituída por um cortejo terrestre. Esta mudança de trajeto e na forma como a comunidade se relaciona com o território evidencia a perda da parte dos sentidos de suas manifestações simbólicas para a comunidade de Atalaia Velho. O esvaziamento dessa relação sociocultural-geográfica da comunidade com a Maré do Apicum reflete-se no esvaziamento do sentido religioso e de sociabilidade que a Festa de Bom Jesus outrora tinha para o bairro, uma vez que:

No calendário festivo sempre foi incumbência da comunidade os enfeites das embarcações para a procissão fluvial da imagem votiva e a escolha do melhor dia para celebração ficava sempre ao encargo dos pescadores que marcavam o evento consoante ao fluxo da maré cheia (o que já não ocorre mais) (Corrêa; Vargas, 2011, p. 6).

Outro local que outrora era ponto de passagem da procissão é a Prainha, localizada no bairro atualmente chamado de cidade industrial e que a partir da segunda metade do século XX também passou por uma série de transformações, tais como poluição da água e diminuição gradativa da faixa de areia, até que a prainha deixasse de existir; atualmente,

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

transformou-se em uma orla para pedestres e residencial (ver Figura 10). Desde então, a procissão da Festa do Bom Jesus dos Navegantes não passa pelo local (Lima; Menezes, 2015).

Figura 9 – Festa do Bom Jesus dos Navegantes em Aracaju (SE)



Fonte: A8SE. Disponível em: <https://a8se.com/noticias/sergipe/festa-de-bom-jesus-dos-navegantes-e-celebrada-em-aracaju-confira-programacao/> Acesso em: 10 nov. 2024.

Figura 10 – Prainha em Aracaju (SE)

Fonte: Faxaju. Disponível em: <https://www.faxaju.com.br/sergipe/comunidade-da-prainha-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-e-imaterial-de-aracaju/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Este caso apresenta algumas questões de horizonte: investigações acerca da troca do trajeto outrora fluvial e atualmente terrestre da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre (RS) e a memória de festas que outrora ocorriam em praias aterradas na cidade do Rio de Janeiro (RJ), como por exemplo, a Praia do Rio Comprido, a Praia de Santo Cristo, a Praia de Botafogo e a Praia do Flamengo. Embora estas duas últimas tenham sido apenas parcialmente aterradas, acredita-se que a relação entre as festas realizadas nestas praias no passado e a comunidade tenha se alterado a partir da redução gradativa da faixa da areia.

A escolha deste exemplo para compor o artigo também foi motivada para evidenciar as nuances presentes na conceituação do termo “desastre ambiental”, muitas vezes compreendido apenas de forma a configurar incidentes que ocorrem em um curto espaço de tempo e que impactam grandes áreas. Entretanto, existem diferentes categorias de desastres ambientais, visto que o que reunimos na categoria “desastre” são fenômenos profundamente diversos em amplitude e tipologia (Sedrez, 2013). Estes podem ser provocados exclusivamente como decorrência da ação humana, natural ou mista; terem curta, como é o caso de enchentes e do rompimento da barragem do Fundão em Mariana

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

(MG), que ocorreu em minutos, ou longa duração, como é o caso da destruição de ecossistemas naturais como consequência do processo de urbanização; tornarem-se acontecimentos históricos e motivarem comoção nacional, muitas vezes impulsionados pela cobertura midiática, ou serem de conhecimento apenas de locais; atingir muitas pessoas de forma direta ou indireta. Soma-se a isso conceitos correlatos, como o desastre socioambiental, o conflito e o racismo ambiental, crise e emergência climática.

CONCLUSÃO

Ao final desta análise, conclui-se que a relação entre festas e desastres ambientais, mediada pela memória e pelo imaginário, manifesta-se de formas distintas nos casos estudados. A análise demonstrou que este elo pode ser explícito e literal, como nos carros alegóricos do *Mardi Gras*, que rememoravam o furacão Katrina, ou integrado à produção cultural contínua da comunidade, como nas marchinhas e monumentos de São Luiz do Paraitinga que, ainda hoje, elaboram a memória da enchente de 2010. Em outros contextos, a memória do desastre funciona como parte do próprio "rito-fundador" da celebração, como evidenciado na criação da Oktoberfest de Blumenau como resposta às enchentes. Ademais, a festa revela-se um ato de resistência política e de retomada do território, como na procissão em Bento Rodrigues, onde os corpos marcados pela lama tóxica performam a denúncia. Por fim, a análise também demonstrou como a relação entre festa e desastre ambiental pode evidenciar a ruptura e a transformação de ritos, como na Festa do Bom Jesus dos Navegantes, em Aracaju, cujo trajeto foi alterado pela degradação ambiental de longa duração, esvaziando parcialmente os sentidos originais da celebração para a comunidade.

Por fim, concluímos que a partir dos eventos explicitados ao longo deste artigo, podemos demonstrar que tanto as festas quanto a memória, o imaginário e os desastres ambientais podem vir a compartilhar uma mesma ambiência teórica e, possivelmente, a metodológica. Isso se deve, em parte, ao fato de representarem universos reveladores de conflitos, identidades e práticas sociais, além de atenuarem os valores compartilhados por um determinado grupo, por meio de seus simbolismos, performances ou na consolidação de tradições relacionadas ao patrimônio cultural e ao território. Ao serem

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

simultaneamente passado, presente e futuro, subjetivo e coletivo, as festas marcadas por desastres ambientais, configuram-se como um campo fértil para investigações que ainda podem atrair novos estudiosos e interessados.

REFERÊNCIAS

BATISTELA, C. Oktoberfest Blumenau volta nesta sexta-feira após enchentes e duas suspensões. **G1 Santa Catarina**, 13 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/10/13/oktoberfest-blumenau-volta-nesta-sexta-feira-apos-enchentes-e-duas-suspensoes.ghml>. Acesso em: 23 jun. 2024

BBC BRASIL. ‘Temos que escolher quem vai se tratar’: famílias atingidas pela lama de Mariana sofrem com problemas de saúde. **G1**, 31 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/temos-que-escolher-quem-vai-se-tratar-familias-atingidas-pela-lama-de-mariana-sofrem-com-problemas-de-saude.ghml>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BIEGING, P. Blumenau e as memórias de maria: as enchentes da década de 1980 a partir de experiências de vida. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 220-236, jan. 2017.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987

BRANDÃO, C. R. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1974

CALDAS, J.; MACHADO, A. C. Oktoberfest 2023 registra público de 454 mil pessoas. **G1 Santa Catarina e NSC TV**, 31 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/oktoberfest/noticia/2023/10/31/oktoberfest-2023-registra-publico-de-454-mil-pessoas.ghml>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019

CELANO, L. Nova Orleans inicia Mardi Gras pós-Katrina. **Folha de S.Paulo**, 25 fev. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2502200610.htm>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CÔRREA, I. C. C.; VARGAS, M. A. M. Memória e identidade: traços da festa de Bom Jesus dos Navegantes no Bairro Atalaia - Aracaju/SE. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, 2011, Salvador. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4299/1/ISABELLA_CRISTINA_C_CORREA.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DOTTA, R. Atingidos pela barragem da Samarco querem exame em 100% da população. **Brasil de Fato**, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2018/03/29/atingidos-pela-barragem-da-samarco-querem-exame-em-100-da-populacao>. Acesso em: 17 fev. 2025.

G1. São Luiz do Paraitinga adia carnaval após chuva deixar 700 pessoas desalojadas. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2023/noticia/2023/02/13/sao-luiz-do-paraitinga-adia-carnaval-apos-chuva-deixar-700-pessoas-desalojadas.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

_____. Cidade de São Luiz do Paraitinga espera receber 80 mil foliões durante o carnaval. **GloboPlay**, 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12331661/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FERREIRA, M. N. Comunicação, Resistência e Cidadania: as Festas Populares. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 9, n. 1, p. 111–117, 2013.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **A gente tem que se manter vivo: narrativas audiovisíveis de corpos trans e gêneros dissidentes no centro de São Paulo**. 2023. 202 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2023.

KNABB, R. D.; RHOME, J. R.; BROWN, D. P. Tropical Cyclone Report: Hurricane Katrina. **National Hurricane Center**, 2005. Disponível em: https://www.nhc.noaa.gov/data/tcr/AL122005_Katrina.pdf. Acesso em: 23 jun. 2024.

KUGEL, S. Carnival on a Smaller Stage. **NYTimes**, 27 jan. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/01/27/travel/27journeys.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

LIMA, L. E. P.; MENEZES, A. V. A memória rema contra a maré: lembranças sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial em Aracaju. *Tessituras de Ariadne nos Caminhos da Pesquisa em Ciências Ambientais*. **Criação**, Aracaju, 2015, p. 109-146.

MENDES, P. São Luiz do Paraitinga espera atrair 150 mil foliões com carnaval de marchinhas. **Extra**, 2008. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/sao-luiz-do-paraitinga-espera-atrair-150-mil-folios-com-carnaval-de-marchinhas-454711.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

NOTICENTER. Entrevista com Dalto dos Reis, 2010 *apud* WITTMANN, Angelina. **Oktoberfest Blumenau 1984: um pouco de história**. 26 jul. 2015. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2015/07/oktoberfest-blumenau-1984-um-pouco-de.html>. Acesso em: 11 fev. 2025.

Entre festas e desastres ambientais: memórias e imaginário como elos comunicacionais – Gabriela Gelain; Matheus Lima Schwab e Silva – p. 227-254

NUNES, M. H. Entrevista - Marga Holzmann Nunes - A História do Oktoberfest Blumenau. **Entrevista concedida por Angelina Wittmann**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DlMs4vy42Do>. Acesso em: 11 fev. 2025.

PASSOS, F. d'El R. L. Este canto é nosso: festa e direito à apropriação nos territórios atingidos pelos rejeitos de minério do Fundão, em Mariana, Minas Gerais. **Revista Indisciplinar**, v. 5, n. 2, 2019.

PEREIRA, S. L.; RETT, L.; BEZERRA, P. M. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2267. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2267>. Acesso em: 20 jun. 2025.

REIS, D. Conversa com Dalto do Reis – Oktoberfest Blumenau Parte 1/2. **Entrevista concedida por Angelina Wittmann**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e5znwH4Xqg0&t=125s>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SEDREZ, L. **Desastres socioambientais, políticas públicas e memória – contribuições para a história ambiental**. Migrações e natureza Org. Eunice Sueli Nodari e Sílvio Marcus de Souza Correa. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SCHWAB, M. **Mídias digitais e cultura caipira: um estudo nas festas de São Luiz do Paraitinga**. 2023. 203 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2023.

SILVA, D. L. D.; VIEIRA, M. A. F. D. A. **São Luiz do Paraitinga: sem rabo e sem chifre**. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

SOARES, J. São Luiz espera 80 mil foliões com desfiles mais longos e muita tradição. **O Vale**, 2020. Disponível em: <https://sampi.net.br/ovale/noticias/497268/viver/2020/02/s-o-luiz-espera-80-mil-foli-es-com-desfiles-mais-longos-e-muita-tradic-o>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Recebido em: 28/02/2025 Aprovado em: 28/07/2025
--